

# LUZ DE ALEXANDRIA

Câmara de Estudos Maçônicos - A.:R.:L.:S.: Heráclito Victória N° 3168



## Aniversariantes do Mês Setembro

06/09 - Sidnei D. Vetturazzi  
09/09 - Ismael De Lucena  
11/09 - Eder Oselame  
28/09 - Alexandre Matté  
28/09 - Rodrigo M. Onzi  
30/09 - Júlio C. Zambiasi

## Programação Mensal

04/09 - Sessão Alusiva à  
Independência  
11/09 - Sessão Ordinária de C.:M.:  
18/09 - Solenidade Farroupilha  
25/09 - Sessão Ordinária de A.:M.:



## COLUNA DO VENERÁVEL MESTRE

Dois mil e vinte quatro, temos uma série de desafios, mas o principal é de fortalecermos cada vez mais a nossa egrégora para que tenhamos mais força em nossas ações e continuarmos com a grande harmonia que sempre foi o diferencial de nossa loja. Continuamos a caminhada de sermos um exemplo nos graus filosóficos, tendo em vista que temos em nossos quadros 03 presidentes de corporações e também, outros com cargos de relevância.

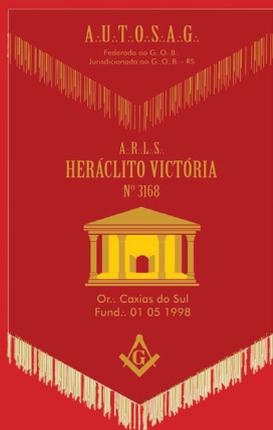
Vamos trabalhar ainda mais na parte de instruções, por isto, fiquem preparados para o momento em que forem chamados. Este ano temos que traçar o futuro do nosso templo.

Temos que unir todos os esforços de acordo com que a assembléia aprovar. Inauguramos este informativo na certeza de que teremos uma produção intelectual que merece um espaço dedicado para estudos e para avanços significativos de nossa loja. Estamos ansiosos para iniciarmos nossas atividades desta camara de estudos maçônicos e que este seja o primeiro de muitos informativos.

A comissão trabalhará firme neste propósito e toda a colaboração será muito bem-vinda neste sentido.

Que seja um 2024 de muita evolução, conquistas e enlevo espiritual!

Diego Monteiro  
Venerável Mestre



A.:R.:L.:S.:  
HERÁCLITO VICTÓRIA N°3168

RITO BRASILEIRO  
QUARTAS FEIRAS, 20H

RUA PAULINO BALBINOTTI, 385  
FORQUETA - CAXIAS DO SUL RS

# O CADUCEU E AS COLUNAS DO TEMPLO

IR.: CRISTIAN CECHIN TEIXEIRA

O caduceu é um símbolo deveras antigo, remontando às antigas civilizações da Mesopotâmia, passando para o Egito, ganhando destaque na cultura grega, romana pela figura de Hermes ou Mercúrio, chegando à idade média pelos alquimistas, e posteriormente estudado pelos iluministas e rosacruzes que ocuparam as lojas maçônicas. É composto por um bastão com duas serpentes entrelaçadas, onde na parte superior possui asas e na ponta um pomo. Este é o símbolo atribuído às escolas herméticas do antigo Egito, na figura de Hermes Trismegisto, e seu significado é muito misterioso, por se tratar das duas forças duais que brigam entre si formando a dualidade do mundo em equilíbrio que ao longo dos séculos dentro das tradições



esotéricas refletem o caminho e a busca pela Sabedoria elevada e a harmonia interna a que o iniciado deve percorrer para efetuar sua transformação interior do chumbo das imperfeições no ouro da Sabedoria. O célebre esoterista francês Stanislas de Guaitá chama estas duas forças de OD, OB e AOR, sendo a força Ódica a luz positiva e viva e a Óbica negativa e morta, tendo como equilíbrio o AOR. AOR é o termo hebraico para luz trazido no Gênesis quando "Disse Deus: Haja luz". Pode-se entender o surgimento da dualidade a partir da luz AOR nos trechos a seguir: "E viu Deus que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas", "Chamou Deus à luz Dia e às trevas, Noite." e "Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar, e apareça a porção seca. E assim se fez. À porção seca chamou Deus Terra e ao ajuntamento das águas, Mares.". Estes trechos mostram a Luz divina (AOR) formando a dualidade primordial, representadas pelas serpentes do caduceu. Para Mackey, a serpente sempre simbolizou sabedoria e conhecimento em várias culturas incluindo Grega e Egípcia. Sendo associada ao conceito de iluminação quando o profano simbolicamente vê a luz. Essas duas serpentes, que para o templo de Salomão foram nominadas Jakin e Boaz (ou Booz), são o fluxo da energia da luz astral que banha o universo ascendendo retornam ao divino e descem à terra trazendo a luz equilibrada de divina, que é o já citado AOR em hebraico. Segundo o Zohar a serpente é associada às forças duais, de um lado a tentação, o mal e a queda do homem, e por outro lado está ligada à capacidade de regeneração, sabedoria e compreensão dos mistérios ocultos. Serpentes foram frequentemente esculpidas por maçons operativos medievais em catedrais e igrejas construídas, trazendo significados profundos simbolizando desde bem e mal bíblicamente quanto alquimicamente pelo poder transformador da transmutação. Algumas catedrais onde encontra-se adornos de serpentes: Catedral de Notre-Dame de Paris, Catedral de Chartres, Catedral de Lincoln.

No Êxodo, capítulo 7, versículos 8-12. Deus através de Moisés instruiu Arão a jogar seu cajado na frente do faraó para se transformar em serpente e assim mostrar os milagres de Deus e libertar os israelitas. Os magos e feiticeiros do Egito, após verem esse feito, fizeram o mesmo, lançaram seus cajados que se transformam também em serpentes sendo que a serpente de Moisés devorou as serpentes dos magos egípcios mostrando a superioridade de Deus. Essa é a diferença do poder divino versus a magia, representando a superioridade e a vitória das forças alinhadas a Deus contra as forças do mundo. Este é o símbolo do poder divino. Essa luz divina trinária (AOR) que desce do divino é muitas vezes definida como água por sua característica de fluir como um rio que corre serpenteando montanhas e encostas, outras vezes é simbolizada como serpente por seu fluxo sinuoso e ondulante. No Gênesis é dito que o firmamento separou as águas de cima com as águas de baixo. Essas águas etéreas - do Hebraico Shamaim, às vezes traduzidas como céu - são o símbolo desta luz serpenteante que banha o universo. É também

Nahash (נחש), a serpente bíblica que tentou Adão e Eva. Ao sair da Divindade, essa Luz (AOR) é mais pura e conforme desce para começa a se densificar até chegar na materialidade. Sendo assim, separar as águas de cima das águas de baixo mostra uma luz mais elevada contrapondo uma luz mais densificada. É a separação das duas esferas: a esfera celeste e a esfera terrestre que encimam nossas colunas. Essas duas forças, que são as duas serpentes do caduceu, e que sustentam o universo são as duas colunas de uma loja maçônica Jackin e Booz. O IOD vindo do divino se divide-se em 2 colunas (2 letras hebraicas He). Essa é a dualidade.

Segundo o Bahir antes de todas as coisas serem criadas a Luz Divina era simples e preenchia toda existência. Não havia espaço vazio. O conceito de Deus mais elevado é Homogeneidade, pois não havia dissociação. Pelo desejo de Deus de contemplar a Deus, Isaac Luria traz o conceito que Deus (Ein Sof, o Infinito) para conceber a criação precisou criar um espaço vazio, contraindo-se em um ato chamado Tzimtzum, esse vazio Divino permitiu a existência do universo separado da infinita presença Divina, onde surgem tempo, espaço, criatura e livre-arbítrio. Dessa homogeneidade indissociada de Luz Infinita (Ain, Ain Sof e Ain Sof Aor) representada pelo número 0 (Zero) surge através de sua Vontade uma Luz que desce representada por uma linha reta e pelo número 1. Essa união de 0 + 1 forma-se 10 que é a letra IOD (décima letra do alfabeto Hebraico). Esse IOD é a própria Luz Infinita da Vontade Divina que desce como um rio e banha todo o universo concebendo a criação. Essa luz astral são como ondas serpenteantes que descem trazendo a vida e o Verbo Divino - o Logos - animando a toda a criação. Essa luz IOD andrógina, ao sair do seio Divino, divide-se dela mesma formando 2 feixes de luz que descem e banham o universo criado, estes 2 feixes que dividiram-se agora tornam-se a dualidade, forças polarizadas em positiva e negativa brigam e se entrelaçam sustentando o universo. O equilíbrio resultante destas duas forças (Colunas Booz e Jakin) é o chamado coluna do meio, onde o mestre toma assento.

Percival em seu *Temas de Ocultismo Tradicional* trata destas forças criadoras do universo material. Esse equilíbrio ternário dessa duas forças misteriosas primordiais derramam no quaternário da matéria, nosso pavimento mosaico, este é representada também como quadrado (Homem sem vontade ativa) ou Cruz (homem com vontade ativa, está também representada às vezes como o Tau arcaico dos fenícios). Aqui é onde os 4 elementos reinam e onde essas duas polaridades agem arrastando as volições humanas enfraquecendo seu livre-arbítrio. Os 4 elementos são muito ricos em simbolismo, representam os aspectos da vida e a jornada que o maçom deve percorrer. O iniciado simbolicamente está preso nesta materialidade e necessita vencer cada um destes elementos alquímicos para operar sua regeneração e reconciliação com o SADU. No elemento terra ele vence a frieza e preguiça mostrando a necessidade de construir em cima de bases sólidas e éticas. No elemento ar se vence a dispersão e entra em batalha contra os vícios despertando a capacidade de discernimento e a busca pela Sabedoria. No elemento água desenvolve a capacidade de ser flexível e adaptável às diversas situações da vida, através da água ele purifica seu corpo, mente e espírito, no elemento fogo é o desejo ardente de vencer as paixões, desejos e submeter sua vontade servindo como luz na jornada de autoconhecimento e iluminação espiritual na busca da luz da Verdade. Esse simbolismo de vencer as próprias inclinações negativas são representadas em figuras alquímicas e herméticas como o homem pisando na cabeça da serpente. O fogo é o aspecto principal para acender nesta caminhada, pois a máxima alquímica afirma que a natureza se renova pelo fogo (INRI) sendo necessário fazer um trabalho profundo dentro de si mesmo transmitido pelo acrônimo V.I.T.R.I.O.L. do latim "Visita Interiora Terrae Rectificando Invenies Occultum Lapidem" que é traduzido como "Visita o interior da terra, e retificando-te, encontrarás a pedra oculta". A tradição alquímica possui a chave para o maçom adentrar a estes véus do mistério, pois sabe que a centelha Divina reside nas profundezas de si mesmo. Esse é o processo de retificação da própria pedra para servir de sustentação desse templo universal. Somente desta forma pode-se encontrar a pedra filosófica e oculta representada pelo pomo de ouro fazendo assim a Opus Magna ou Grande Obra alquímica que é a transmutação do chumbo das imperfeições humanas no Ouro da Grande Obra alquímica que é a perfeita busca da verdade e iluminação dentro de si mesmo. Para Mackey (*A Lexicon of Freemasonry*, 1860) as colunas são recordações das promessas de Deus ao povo de Israel. Jackin deriva de IAH (Deus) e Achin (Estabelecer) significando Deus estabelecerá Sua casa em Israel, e B (Em) oaz (Fortaleza) trazendo o significado de "Será estabelecida em fortaleza." Apenas por curiosidade não encontrei nos *Old Charges* (Regius e Cooke) referências sobre as duas colunas Jakin e Booz. Segundo Arthur Edward Waite essas duas colunas são o limiar, a passagem entre o mundo visível e invisível, material e espiritual.

Para Wirth, elas representam a dualidade que busca o equilíbrio para alcançar a harmonia espiritual. Segundo Leadbeater, o motivo das colunas estarem na entrada do Templo é que o profano para adentrar ao templo primeiro é necessário vencer sua natureza inferior, a turbulência das emoções, primeiro tendo fortaleza e força para travar batalhas contra si mesmo e segundo para ter a estabilidade necessária para perseguir os ideais mais elevados, tendo poder para executar e sabedoria para dirigir. Ao equilibrar essa unidade bipartida, o profano sela um compromisso de adentrar a senda oculta do templo interior, vencendo uma coluna por vez até chegar ao centro equilibrado da coluna do meio, que é o centro do círculo do qual nenhum mestre maçom pode errar. As colunas para o Zohar são representações dos 2 pilares da árvore da vida, o pilar da misericórdia (Chesed) e o pilar do julgamento (Gevurah). Esses dois pilares são os sustentáculos do universo e são equilibrados pela coluna central que é Tipheret

e harmoniza essas duas forças opostas. Ambas simbolizam a dualidade que é essencial ao cosmos: a força e a estabilidade, a misericórdia e o julgamento. Sendo a justiça o próprio equilíbrio entre severidade e misericórdia. Eliphas em seu dogma tem um capítulo dedicado às colunas do templo. Ele considera o binário como número da Gnose, (conhecimento) sendo o binário a unidade multiplicando-se por si mesma para criar. Por isso Adão é o próprio tetragrama humano resumido em IOD. Sendo a unidade chamada de Booz e o binário Jakin. O Yin e o Yang. O princípio passivo buscando o ativo. Sendo a Sabedoria pois, a união e conciliação destes dois princípios e o equilíbrio de Jakin e Booz, possibilitando somente ao maçom chegar à Sabedoria passando pelo pilar da beleza e da força. Para os hermetistas a dualidade é fundamental para o entendimento de tudo, pois entende-se algo devido a existência de seu oposto. Só entende-se a luz mediante as trevas assim como entende-se o silêncio somente mediante o barulho. Este é processo dialético grego de síntese, antítese e tese. Destruir para reconstruir. Tanto Wirth quanto Waite associam a sacerdotisa ou papisa do tarot. Essa sacerdotisa está entre colunas, representando que ainda possui sua unidade bipartida e que é necessário reintegrá-la a Deus, o Ain Sof. Ela é a própria Sofia (sabedoria) e possui um leve véu frente a seus olhos representando que a verdade divina está apenas separada apenas por um fino véu do homem. Essa sabedoria é a intermediária entre homem e Deus possuindo a chave para acessar a seus mistérios. Para o alquimista Nicolas Flamel é o caminho para Magnum Opus (Grande Obra) que é o pomo de ouro na ponta do bastão. Esta Sabedoria (Sofia) é o ideal Rosacruz e o ponto final almejado pela nossa Arte Real. No livro Zanoní do Rosacruz Edward Bulwer-Lytton, o personagem Mejnour em determinado momento parou de ler em livros e passou a ler a própria natureza. A criação é Deus olhando para si próprio no espelho. Sendo assim toda criação é a própria caligrafia de Deus. A loja maçônica é o universo e o maçom deve desenvolver olhos para decifrar e compreender os mistérios divinos que nossa loja traz. Essas suas serpentes são o portal dos mistérios. Força vital, kundalini. A serpente é a guardiã dos mistérios ocultos. O maçom deve possuir o Caduceu de Hermes em sua mão e deve possuir o equilíbrio destas duas forças. Por isso o mestre toma assento na coluna do meio. Isto é ser justo e perfeito. Sendo justiça o equilíbrio entre severidade e misericórdia. Este bastão, que assemelha-se à espada, é o símbolo do poder e do domínio sobre as forças astrais, representando a realeza. Dessa forma, ao adentrar em um templo maçônico o maçom passa pela senda equilibrada entre as colunas jakin e Booz que são o emblema do aperfeiçoamento moral e espiritual buscando dominar a si mesmo para alcançar a grandeza de nossa Arte Real.

## Editorial

Meus irmãos,

Tudo começa com uma ideia, que toma corpo, vira um projeto e aqui estamos. Após a escolha do nome sugerido pelo Ir. Eduardo Augusto Rocha, Mestre instalado de nossa Oficina, nas suas mãos, está a Edição 01 de nosso informativo.

Apresentamos os trabalhos dos irmãos Júlio César Zambiasi, Larri Carlesso e Cristian Cechin Teixeira.

A Câmara de Estudos Maçônicos tem como escopo a fomentação do estudo, apresentação de trabalhos e produção literária dos irmãos do quadro, além proporcionar agradável leitura aos irmãos ávidos de conhecimento. Serão promovidas reuniões virtuais e presenciais com eleição de temas e pautas prévias, além de palestras e outros para promover o conhecimento maçônico e de todos os assuntos que permeiam nossa filosofia. Aguardem por novidades!

Sejam todos bem vindos à leitura das obras da primeira edição da Câmara de Estudos Maçônicos LUZ DE ALEXANDRIA, da ARLS Heráclito Victória N°3168.

Ir. Cristian Rizzardi – MI  
CIM 312566  
Presidente da C.E.M Luz de Alexandria

Muito se fala sobre quem é o Deus da criação, para o Judaísmo, é Javé, para o Islamismo é Alá, para o Yorubá, é Olorum, para o índio brasileiro é Tupã, para o Cristianismo é o Senhor, mas isso são apenas nomes que definem qualidades de Deus. É fácil saber quem é o Deus da Criação, sim! Ele deixou sua assinatura em "toda" a sua criação, e sua assinatura é ternária, por que ele é três em um. Então vejamos: na geometria: altura, largura e profundidade; no tempo: passado, presente e futuro; na base da matéria: prótons, elétrons e nêutrons; no estado da matéria: líquido, sólido e gasoso; na música: melodia, harmonia e compasso, enfim, o ternário está em tudo na criação. (Isso encontramos numa das intruções do aprendiz).

Diante disso, entramos para dentro da nossa augusta loja. Tudo se inicia pelo ternário, nossos amados aprendizes. Sua idade, três anos, a batida ° °°. A loja inicia pelo aprendiz, nossa escalada evolutiva, inicia pelo aprendiz. O Criador assina sua obra em nossa loja e sua assinatura é o APRENDIZ. Com isso entendemos que não "a parte" da criação, mas somos sim "parte" da sua ação criacionista. Ao iniciarmos nossa jornada maçônica, iniciamos uma nova obra. O novo ser que recebe a luz, é uma nova criatura, nova criatura e nova criação.

Entender essa jornada evolutiva, olhando a criação Divina, não como telespectadores abismados, encantados e atônitos diante de tanta grandeza, mas sim entender que somos coadjuvantes, co-criadores e participantes ativos dessa obra. Tudo o que necessitamos para construirmos nossa obra, para realizarmos nossa criação, todas as "ferramentas", nossa Augusta e Sublime Ordem, nos oferece.

Sejamos portadores dessa assinatura Divina, que ela transpareça em nossos atos e atitudes, que possa ser identificada por todos e que mesmo diante dos nossos "segredos", a Luz do Criador reflita a criação da nossa Arte Real!



# EXPLICANDO O SALMO 133

## Um olhar maçônico sobre cada palavra

IR.: JÚLIO CÉSAR ZAMBIAZI - M.: M.: CIM 310953

A proposta dessa Peça de Arquitetura é inicialmente de buscar entender o contexto do Salmo 133 no próprio L.: L.: e também o posicionar no contexto histórico do Velho Testamento e geograficamente no Oriente Médio de sua época. O Salmo 133 é usado em LL.: ao redor do mundo, porém não sabemos a origem dessa tradição. Alguns autores especulam a Maçonaria Operativa, outros citam as Ordens Templárias. Apenas como curiosidade, algumas LL.: utilizam João 1:1-5:

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus. Tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito. Nele havia a vida, e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam.”

Já em outras LL.: , principalmente nos EUA e Inglaterra, a L.: de A.:M.: é aberta em Rute 4:7, que serve como explicação ao iniciado para entrar com seu pé descalço:

“Havia, pois, já de muito tempo este costume em Israel, quanto a remissão e permuta, para confirmar todo o negócio; o homem descalçava o sapato e o dava ao seu próximo; e isto era por testemunho em Israel.”

Voltando ao Salmo 133, inicialmente precisamos entender o que é um Salmo. O Livro de Salmos, presente na Ta-nakh judaica e na Bíblia cristã, é uma coletânea de 150 cânticos ou poemas. Eram utilizados no Templo de Jerusalém pelos judeus e até hoje são utilizados por cristãos e muçulmanos, um elo de ligação raro entre as três religiões abraâmicas. O Salmo 133 teria sido escrito por Davi, rei de Judá e pai de Salomão. Além desse, ele teria escrito mais de 70 outros Salmos.

No R.: Brasileiro, lemos apenas o primeiro versículo, já em outros RR.:



temos a leitura do Salmo na íntegra. Dessa forma, passo a analisar o mesmo de forma integral, caso contrário a informação ficaria incompleta. Oh! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união. É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Arão, e que desce à orla das suas vestes. Como o orvalho de Hermom, e como o que desce sobre os montes de Sião, porque ali o Senhor ordena a bênção e a vida para sempre. As palavras chave deste Salmo são irmãos, óleo, Arão, vestes, orvalho, Hermon e Sião.

Com elas poderemos posicionar o Salmo histórica e geograficamente.

Irmãos - as 12 tribos de Jacó ou Israel e seus descendentes, formadas pela linhagem dos 12 filhos de Jacó que teriam fugido do Egito em busca da Terra Prometida. Arão - irmão de Moisés e seu porta-voz perante o Faraó e o povo judeu, já que Moisés tinha problemas de dicção. Arão foi o primeiro sumo-sacerdote da religião judaica. É ele quem molda o bezerro de ouro que provoca a fúria de Moisés durante o Êxodo.

Vestes - as vestes de Arão não são as vestes comuns aos homens judeus durante o Êxodo, mas vestes cerimoniais de sumo sacerdote, com confecção e detalhes conforme ordenados por Deus

à Moisés. Nela constam doze pedras lapidadas em referência às 12 tribos. Hoje em dia podemos encontrar semelhantes decoração no avental de Sumo Sacerdote do Real Arco Americano.

Óleo - não é um óleo qualquer, mas a receita específica, transmitida por Deus tal qual as vestes. É composto de mirra, canela, cálcio e cássia. Esse óleo era utilizado (Êxodo 30:22-33) para ungir todas as coisas do Tabernáculo, desde as paredes até a Arca da Aliança, inclusive os sacerdotes, preparando-os para a liturgia.

Orvalho de Hermom - ao contrário de nosso clima cotidiano, a realidade de Davi era o deserto. O monte Hermon é contrastante com o resto da região, tendo, desde aquela época um pico onde a neve permanecia durante os 12 meses do ano. O orvalho que ali descia pode ser considerado uma dádiva em contraponto à seca do resto do território. Geograficamente o Monte Hermom era o extremo norte da terra prometida, hoje fazendo fronteira entre Líbano e Síria.

Sião - Outro monte, esse ainda mais importante para a histórica judaica, pois é a base de construção de Jerusalém, o local, próximo de onde futuramente Salomão construiria o Templo Sagrado.

Por isso da expressão sionista, usada para os judeus.

Tendo esses termos explicados, fica fácil entender o Salmo. O primeiro versículo fala da união das tribos de Israel, que deveriam conviver em paz como um único povo ao redor do culto de fé recém formado ao redor das ordens de Deus a Moisés durante o êxodo.

O segundo versículo faz um comparativo da importância dessa união com o momento em Deus consagra o primeiro sumo-sacerdote da sua fé, devidamente paramentado e ungido pelo óleo que o permite cumprir os seus deveres litúrgicos.

O terceiro versículo trás outra comparação. A união dos irmãos é tão importante quanto o orvalho, que provém água para as plantações no meio do deserto e indica o local central da fé judaica, o Monte Sião, próximo de onde o Tem-plo de Salomão deveria ser construído segundo as medidas do tabernáculo onde Arão foi banhado pelo óleo anteriormente.

Em resumo, o que pedimos, semanalmente, ao abrir o L.: L.: é possamos estar fraternalmente unidos, como Arão era com seu Deus e como as tribos de Israel seriam, após o Êxodo, em volta do Sião.



**C.E.M. LUZ DE ALEXANDRIA**  
 Presidente da Comissão  
 Ir.: Cristian Rizzardi

### Membros

Ir.: Daniel Sozo

Ir.: Eduardo Augusto Rocha

Ir.: Alexandre de Lavra Pinto

Ir.: Júlio César Zambiasi

Ir.: Vinicius Bernardi

Expediente:  
 Redação - Cristian Rizzardi  
 Diagramação - Júlio César Zambiasi  
 Logotipo - Gabriel Besteiro